

O acontecimento do inconsciente”

Marcus André Vieira

Referência

Vieira, M. A. O acontecimento do inconsciente. In. Século de metapsicologia: Freud e o seu legado conceitual. 1 ed, Contra capa. Rio de Janeiro 2019.

Capa e índice

Resumo

Lacan destaca, mais tardiamente em seu ensino, como uma análise nos leva não apenas ao acontecimento da verdade, mas ao acontecimento de corpo. Este acontecimento convoca um corpo que não é aquele com que nos deitamos e levantamos, mas daquele que transborda sua imagem, essa que encontramos no espelho, às vezes com sustos, mas que nos assegura que somos nós mesmos. Pois bem, uma análise é sempre também a certeza de que somos mais que nós mesmos e que isso conta.

♦ Este texto reproduz em boa parte minha apresentação no XI Simpósio do programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ em 25/11/15.

Uma versão reduzida foi publicada como: Vieira, M. A. “O café e o falante”, Revista Cult, n. 211, São Paulo, 2016.

Walter Benjamin lembra uma tradição popular que adverte contra o relato de sonhos antes do café da manhã. Há perigo porque a higiene matinal “chama para dentro da luz apenas a superfície do corpo e suas funções motoras visíveis, enquanto, nas camadas mais profundas, mesmo durante o asseio matinal, a cinzenta penumbra onírica persiste e até se firma, na solidão da primeira hora desperta (...). Quem está em jejum fala do sonho como se falasse de dentro do sono (...), nessa disposição, o relato sobre sonhos é fatal, porque o homem, ainda conjurado pela metade ao mundo onírico, quando conta o sonho o trai em suas palavras e tem de contar com sua vingança”.¹

Freud investigou essas vinganças que Lacan chamou “formações do inconsciente”: lapsos, equívocos, atos sem sentido, nas quais o real insiste tal como no sonho e provoca os deslizamentos que constituem uma verdadeira psicopatologia da vida cotidiana, perturbando-nos na hora de tomar o ônibus ou bater ponto no trabalho.²

O lado de cá do sonho, nosso dia-a-dia, só se alcança, ainda segundo Benjamin “num asseio que é análogo à ablução, contudo inteiramente diferente dela. Passa pelo estômago”. Por quê não, então, dar um pulo no analista antes do café? De fato, o espaço analítico é exatamente o contrário do café da manhã em família, pois em vez de descartar a psicopatologia da vida, Freud mostrou como é possível reconstruir a partir de suas manifestações fragmentadas uma narrativa alternativa de si. É justamente este “a mais” da vida de vigília com quem sempre lidou a psicanálise, essa estranha alteridade no coração da intimidade que é apenas jogada para debaixo do tapete no dia a dia.

Lacan virá enfatizar o quanto o descarte de conteúdos perturbadores, seu recalque, não é exclusivamente obra da repressão social ou de um evento traumático. Ele é necessário à estabilidade do eu e em última instância à nossa sobrevivência no coletivo, feito de pactos mais ou menos bem definidos.

Benjamin ajuda ainda a destacar como o próprio corpo está envolvido no processo. Mas ele recorda como este processo cotidiano inclui a estabilização tanto do exterior quanto do interior do corpo. É preciso também passar pelo estômago. Olhar-se no espelho, lavar o rosto, tomar café, contar histórias e narrar seus sonhos, essa seria a sequência ideal para uma formatação de si coerente com o que se espera de nós na cidade.

O inconsciente como experiência de verdade

Lacan revoluciona o campo psicanalítico ao resolver a dicotomia da célebre definição freudiana da psicanálise como sendo ao mesmo tempo um método de investigação e de tratamento.³ A psicanálise tanto seria uma terapia como um método de investigação e autoconhecimento por ser uma experiência de verdade.

De fato, Lacan definiu a experiência do inconsciente, aparentemente prescindindo do corpo, como o encontro com uma fala estranha na própria fala. Atenção, porém, o inconsciente seria um “achado”, incluindo tanto esta fala quando a experiência do encontro com ela. O inconsciente freudiano seria, assim, “texto e hiância”, uma verdade recalçada e ao mesmo tempo a surpresa do acontecimento, para alguém, desta verdade.⁴ Mais que o conteúdo encontrado, a experiência de encontrar, o fato do encontro, conta. Ela é responsável pelo valor de verdade do que se está sendo

dito que, em si, pode ser um dado relativamente banal, um amor pelo pai, ou um desejo de morte por um amigo, por exemplo. Mais que conhecer a verdadeira verdade sobre si mesmo ela é a certeza de que há uma verdade, que ela pode ser encontrada, dita, mesmo que apenas meio-dita. E isso muda e melhora a vida.

Neste sentido o acontecimento de uma verdade ultrapassa o conteúdo da verdade em questão, esta se relativiza. O que diz o inconsciente é uma verdade, mas não “A” verdade, ou de outro modo, ele diz uma verdade e ao mesmo tempo que ela não teria como ser, em seu conteúdo, integralmente única e singular, o que Lacan sintetiza como o célebre aforismo: só há verdade como meio-dita.⁵

É exatamente neste espaço da “experiência” que Lacan vai alojar o corpo. Ela se desdobra em duas vertentes. A primeira é a do sentido. O texto de uma nova verdade pode fazer sentido, entrar em composição com o que somos produzindo uma satisfação específica. É o que Lacan denomina “gozosentido”. É a experiência de satisfação da criança quando se vê usufruindo de um corpo que se vê e que se entende, com Lacan demonstrara em seu Estágio do Espelho. A segunda é do que da vida excede ao corpo do Espelho. Aquilo que da experiência excede o sentido do enunciado da verdade em questão. É o corpo pulsional, o corpo como experiência vital, libidinal, mas sem localização precisa, habitando o corpo imagem como pura pressão, nos termos de Freud, ou gozo em termos de Lacan.⁶

O inconsciente como acontecimento de corpo

Ocorre que a verdade não tem mais o mesmo cartaz. Há tantas situações, na política, por exemplo, em que todos estão tão fora da verdade que a busca da verdade não faz sentido. De fato, de que modo a categoria da verdade poderia ser de alguma utilidade no que concerne à operação lava-jato e tudo o que ela envolve? Neste ponto incide a importância de Lacan destacar, mais tardiamente em seu ensino como uma análise nos leva não apenas ao acontecimento da verdade, mas ao acontecimento de corpo.

Este acontecimento convoca um corpo que não é aquele com que nos deitamos e levantamos, mas daquele que transborda sua imagem, essa que encontramos no espelho, às vezes com sustos, mas que nos assegura que somos nós mesmos. Pois bem, uma análise é sempre também a certeza de que somos mais que nós mesmos e que isso conta.

Esse é o inconsciente, como destaca J. A. Miller como *corpo falante*. É o inconsciente como falante no corpo que sustenta um acontecimento fora do sentido, mas não fora da vida e sobretudo não fora da linguagem.⁷ O acontecimento de corpo, é o encontro, na vida de todo dia, com alguma coisa que é feita de um material que produz surpresa, que traz a certeza de que a vida que a gente tem não cabe na vida que a gente leva.

Seu valor de acontecimento e subversão é o mesmo do acontecimento de verdade, mas a ênfase é seu aspecto de presença. Para entendê-lo um pouco melhor é preciso melhor delimitar o que estamos chamando de acontecimento. Retomo os dois pontos de definição destacados por Deleuze.⁸

Primeiramente o acontecimento não é uma ideia, não tem representação em si. Não tem essência, só existência. Ele só existe nas pessoas e nas coisas, só existe enquanto ato, na situação. Ele é “efetuado” como diz Deleuze ou não é. Um casamento, por exemplo, pode ser ou não um acontecimento, mas é também uma

ideia, como ideal de completude e encontro. Ele não precisa acontecer para existir. O acontecimento só pode ser acontecimento. O segundo fator de definição é que, além dele ser apenas “na situação” ao mesmo tempo está sempre em excesso com relação a ela. Não se deixa absorver pela situação, transborda-a, não apenas só existe na situação como, nela, é algo mais.

É preciso agora nos remeter ao *sinthoma* tal como Lacan o aborda em seu *Seminário 23* deste modo. Como se sabe, ele modifica a grafia do termo para assinalar que o sintoma na experiência analítica, uma vez depurado ao máximo de suas sobredeterminações e sentidos, encarna uma singularidade muito especial. Ela não se apresenta como um ponto cego, no infinito, sempre perseguido e nunca alcançado, mas uma presença, um gozo, nos termos de J. A. Miller, “impossível de negativar”. Ele permanece ativo, mesmo estando fora das cadeias do cotidiano, pois é o gozo que não cabe na vida, mas ao mesmo está ali, fazendo e não fazendo parte do eu, tal como a letra “h” no termo proposto por Lacan, *sinthoma*.⁹

A expressão “acontecimento de corpo” [*événement de corps*] será usada por Lacan para definir o *sinthoma*. Ela poderia ser traduzida como “acontecimento corporal”, mais interessante, por destacar o *sinthoma* como vimos, como a presença de um gozo que é corporal, mas que não se localiza no corpo visível, do espelho e do café da manhã, no máximo, como propõe Freud para seu inconsciente, “entre os órgãos”.¹⁰

Uma análise nos daria a possibilidade de ver nos acontecimentos da vida, não apenas seu poder de corte e ruptura, mas sim de transbordamento. Mais o transbordamento do campo dos possíveis pelo *sinthoma* do que as marcas que este transbordamento deixará.¹¹

Inconsciente e trauma

Para enfatizar a diferença proponho uma oposição trazida por E. Laurent com relação ao trauma.¹²

Primeiramente ele aborda o trauma como “real no simbólico”, furo no saber, efeito da presença de um real que não cabe no simbólico. “Trauma” seria o acidente de um excesso que ultrapassaria e romperia a capacidade do sistema. Ele seria, por um lado, a presença desse excesso e, por outro, aquilo que desse excesso pôde se inscrever, como cicatriz, nas bordas do evento, nas bordas do simbólico.

Certo, mas o *avesso* do trauma, que Laurent convoca, vai destacar o acontecimento de corpo. Nesse plano, do *sinthoma*, do acontecimento de um gozo imprevisto no corpo, temos que falar, não do real no simbólico, mas do “simbólico no real”.

Simbólico no real destaca não a incompatibilidade da linguagem com relação ao gozo, do impossível de dizer, mas, ao contrário, a linguagem se apresentando como o lugar do gozo, e não em oposição a ele.

É muito importante para afastar a ideia de que esse acontecimento seria o de um gozo fora da linguagem e que o *sinthoma*, a singularidade, estaria fora da linguagem. Ao contrário, ele é tomado na experiência analítica como um acontecimento tanto de linguagem quanto de gozo. De fato, o *sinthoma* não é um gozo fora do simbólico, mas resulta de um cruzamento entre os dois, de outra

concepção da relação entre eles. O gozo do *sinthoma* é uma experiência da linguagem e não de seu além. Laurent destaca nesse sentido a linguagem em seu aspecto “parasita”, excessivo, pulsão de morte em termos de Freud como a pulsão por excelência, excesso sexual que transborda a situação, presença de um falante do corpo que não é fala, mas mesmo assim fala.

Ao chamá-lo de *falante* a esse real do corpo sem lugar estável na representação, estamos assumindo que uma análise o encontra não apenas como silêncio. Mas igualmente de outro modo. Não há apenas a fala, de um lado e o silêncio, de outro. Onde o primeiro Wittgenstein teria dito: do que não se pode ouvir deve-se calar, Arnaldo Antunes, um dos nossos melhores poetas e compositores, nos aconselha com Lacan, a não esquecermos de que há algo entre som e silêncio, o ruído do gelo derretendo, o barulho do cabelo em crescimento, da barriga digerindo o pão.

A prática psicanalítica é quase toda operada por coisas assim, por isso seus poderes são ao mesmo tempo sutis e bizarros. Não são apenas sons, melhor dizer que são peças soltas, “esparços disparatados” no dizer de Lacan”.¹³ São fragmentos sonoros, mas também de imagens, cheiros, brilhos e saliva. Como só às vezes podem ser tomadas no discurso intervêm sem que possamos controlá-las ou encadeá-las. Digamos que se trata de um verdadeiro enxame de *madeleines*, só que sem o chá, nem mesmo o bolinho.

Sim, porque para lidar com esse falante que não cabe no corpo imagem, a vida da linguagem, Lacan vai buscá-la nas ressonâncias dos ditos e dizeres, não apenas no plano semântico da fala, mas no plano do asemântico, do balbucio, do que na língua é ruído, seu rumor. O termo *lalíngua* é explicitamente forjado por Lacan para evocar o tanto que em nós resta além do discurso como *lalação*, balbucio original habitando-nos nas entrelinhas do discurso como gagueira incontornável.

14

O acontecimento e seus nomes

?

É disso que estamos nos aproximando quando falamos em acontecimento de corpo, o *sinthoma* é um acontecimento de *lalíngua* como conjunto dos fragmentos linguageiros que sustentam nosso corpo.¹⁵ O acontecimento, então, não é a presença do real como furo, que em um segundo tempo se escreve como trauma, mas do real como aquilo que se fundamenta o corpo, mas se escreve, só que como furo no sentido. O que está em questão no final da análise, não é fazer com o furo, mas fazer com o que faz furo.

Isso muda o sentido do que entendemos como mal-entendido, que alicerça a apreensão comum do inconsciente. Qual seu sentido comum? O de erro, uma falha na comunicação. Com Lacan, dizemos que ele é estrutural, uma vez que o real desregula a língua, impede que ela alcance seu ideal de comunicação. Ora, isso é ainda tomar como falha o mal-entendido, no plano do “real no simbólico”, como se o real estipulasse uma incapacidade da língua, estabelecendo um impossível da comunicação. Tomando agora o mal-entendido pelo avesso, ele é o “simbólico no real”, ele é essa coisa truncada, feita de linguagem e de real ao mesmo tempo, *lalíngua*, que nos constitui.

Em vez de dizermos então que o mal-entendido é a língua impotente diremos que ele é *lalíngua* em seu esplendor. Ele não atrapalha a comunicação, é o que a sustenta, o que faz Lacan dizer que somos todos filhos do mal-entendido.¹⁶

Neste sentido, a perturbação que o *sinthoma* representa no campo do ego estará sempre na ordem do dia. Por esta razão, Lacan nos levará a assumir que o final de análise não envolverá sua erradicação, neutralização ou negatização, mas um “fazer com” ele [*savoir-y-faire*]. Os relatos de passe permitem aquilatar como o gozo do *sinthoma*, que impedia as coisas de funcionarem “redondinhas”, continuará sustentando um ratear incessante [*ça rate*], mas ao mesmo tempo como essa atrapalhação passa a ser em alguma medida congruente com o eu. Como diz Lacan, haverá uma identificação com o *sinthoma*.¹⁷

É o mesmo excesso, mas vivido de um ou de outro modo. Seguimos na vida tentando produzir uma leitura do *sinthoma*, tentamos entendê-lo, dar-lhe lugar no sentido, mas como ele é exatamente o que da vida escapa ao sentido, seu único na vida que se leva é o de trauma ou de resto. O *sinthoma*, porém, não é o excesso que desde o exterior causará efração em sua estrutura, mas é o desajeitado da vida que, de seu interior, sustenta a tentativa cotidiana, a cada café da manhã, de dar-lhe lugar com fins de reparação.

Em vez de vivê-lo como excesso traumático passaremos a vivê-lo como excesso *sinthomático*. Por *excesso traumático* entendo o excesso que não pôde ser vivido, tido como pura destruição, só pode então ser vivido tomando sua marca, digamos, como cicatriz de seu acontecimento. Por excesso *sinthomático*, por outro lado, quero apontar para o excesso em seu momento, de surpresa e encontro. Proponho como acontecimento de corpo do *sinthoma* o excesso vivido como acontecimento e não como ruptura. É um excesso transbordante, mas sem que se dê ênfase ao transbordamento dos aparatos de tratamento e defesa, o que provocaria então estresse, pânico e trauma. *Acontecimento* do *sinthoma* é excesso em seu excesso, sem stress, e não acontecimento no que ele seria como destruição e registro do que terá sido.

É o que torna possível tomar o mal-entendido como o desajeitado da vida, em seu absurdo, bizarro, incongruente únicos, mas, por isso mesmo, centro do que nela é acontecimento. Uma análise permite que se esteja à altura do acontecimento deste gozo, que Lacan às vezes chama de “feminino”, às vezes de “opaco”, ou ainda “do Um”.¹⁸

Em cada situação cabe a pergunta: qual a possibilidade de um verdadeiro acontecimento a partir do que está nos acontecendo? Dito com Deleuze: é possível estar à altura do acontecimento? Resposta de Lacan: sim, basta “fazer com” o que nele é *sinthomático*, excedente sem localização que habita os fragmentos de *lalíngua* poduzidos por nossos embates com o Outro.

Mesmo sem o recuso do *sinthoma*, Deleuze sabe disso e cita, nesse sentido, Joe Bousquet, poeta francês bastante conhecido e reconhecido. Bousquet tem a particularidade de ter sido vítima de uma bomba na primeira guerra aos vinte e um anos que o deixou tetraléxico. No entanto, ele trata seu ferimento não como acidente trágico, interrompendo a linha de uma vida, mas como realizando uma natureza que apenas poderia ter aflorado graças a ele.

Os acidentes da vida não podem mudar o lugar desse gozo, traçado pelos encontros mais inaugurais com o Outro, aqueles que constituem nosso corpo e o sintoma como o gozo que nele não coube. Não mudam o sintoma, mas ao produzirem grandes reviravoltas, esgarçamentos do tecido da fantasia, podem fazê-lo vibrar com mais intensidade do que quando oculto pela fantasia. É o que justifica a famosa frase de Bousquet: “meu ferimento já existia antes de mim, nasci para encarná-lo”.

É preciso que esse gozo do sintoma encontre lugar, vibre no diapasão do acontecimento ou, como diz Lacan, é preciso “fazer par”, a partir de nosso sintoma, variante do “fazer com”.¹⁹ Que o analista seja aquele que na cidade busca as respostas subjetivas que estejam à altura do gozo imprevisto do sintoma, o que mais desejar?

1 Benjamin, W. "Sala de desjejum", *Rua de mão única*, Brasiliense, 1987, p. 11.

2 A expressão “formação do inconsciente” não é de uso corrente por Freud. A associação entre “formação” e “inconsciente” em uma expressão como *Unbewußtseinbildung* é extremamente rara em Freud. Nas poucas vezes em que associa “inconsciente” e “formação” no sentido acima, onde “inconsciente” é um epíteto de “formação”, Freud utiliza preferencialmente *Unbewußtsein Formation* (Cf. por exemplo Freud, S. *Inhibition, symptôme et angoisse*, (capítulo II, §1), Paris, PUF, 1993, p. 7). Foi Lacan que reuniu as diversas manifestações do inconsciente na vida quotidiana analisadas por Freud sob esta rubrica por considerar que todas seguiam as mesmas leis de constituição (cf. Lacan J, *O seminário livro V - As formações do inconsciente*, Rio de Janeiro JZE, 1999, pp. 52).

3 Para a definição da psicanálise como uma “notável combinação” de pesquisa e terapia, cf. Freud, S. “Sobre a Psicanálise” (1913 [1911]), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XII, Rio de Janeiro, Imago, 1970, p. 265. Cf. ainda *ibid*, “Dois verbetes de Enciclopédia” (1923 [1922]), *ibid*, vol. XVIII e ainda “Uma breve descrição da psicanálise” (1924 [1923]), *ibid*, vol. XIX, p. 237.

4 Lacan, J. O Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: JZE, 1988 primeira lição. Para a definição de Freud, cf. Freud, S. *Sobre el Psicoanálisis* (1913) Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1994, vol. XII, p. 211.

5 Cf. por exemplo, Lacan, J. (1966) “O seminário sobre a carta roubada”, *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998.

6 Cf. Lacan, J. “Televisão”, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro JZE, 2003, p. 516 e “O estádio do espelho como formador da função do eu”, Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, pp. 96-103.

7 Cf. Miller, J. A. “O inconsciente e o corpo falante”, disponível em:

<http://www.congressoamp2016.com/pagina.php?area=8&pagina=44>, acesso em 20/5/16.

8 Cf. Deleuze, G., *Lógica do sentido*, São Paulo, Perspectiva, 2003. Cf. ainda Deleuze, G. “Anti-Oedipe et autres réflexions”, aula de 3/6/80 segunda parte, disponível em: http://www2.univ-paris8.fr/deleuze/article.php3?id_article=215 (acesso em 01/10/15). E ainda Lecoœur, B.

“Acontecimento de corpo”, *Semblantes e Sinthoma*, São Paulo, EBP, 2009, pp. 26-28. E finalmente, Lacan, J. “Radiofonia”, *Outros Escritos*, Rio e Janeiro, Zahar, 2003, p. 406.

9 Cf. Miller, J. A. Miller, J.-A. La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica. Buenos Aires: Paidós, 2003, especialmente as aulas XXI e XXII e “Teoria do parceiro”, Os circuitos do desejo na vida e na análise, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2000. Cf. ainda Lacan, J. “Joyce, o Sintoma”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 565 e 386.

10 Freud, S. A Interpretação dos Sonhos. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol.V, Parte II, cap. 7, p. 649.

11 Miller, J. A. *Piezas sueltas*, Buenos Aires, Paidós, 2013.

12 Cf. “O avesso do trauma” Laurent, E. « *Le trauma à l'envers* ». Disponível em:

<http://wapol.org/ornicar/articles/204lau.htm> (acesso em, 01/10/15), cf. tb. “El Origen del Otro y el objeto post-traumático”, *Lost in cognition*, Buenos Aires, Colección Diva, 2005, p. 103.

13 Lacan, J. “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003, p. 569.

14 Em francês *la langue* e *la lalangue* só se distinguem, porque o segundo termo é concebido para que seu uso “seja o mais perto possível da lalação” (Lacan, J. “Conferência de Genebra sobre o sintoma”, *Opção lacaniana*, n. 23). Qto à tradução por lalíngua e não alíngua cf. nota de tradução nos *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 510.

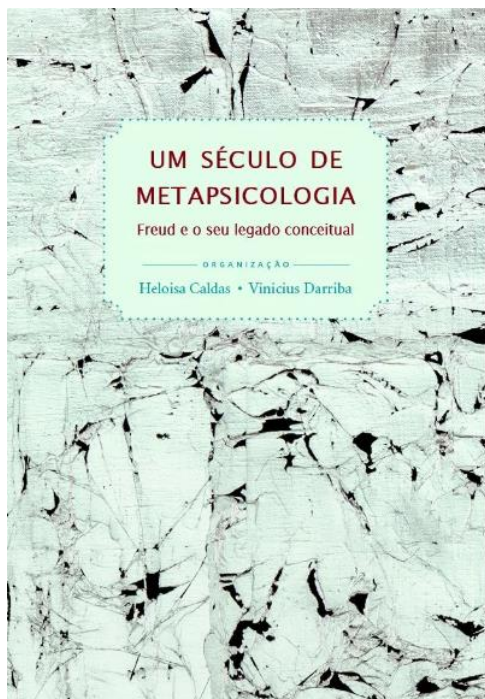
15 Freud destacada por J. A. Miller, “restos sintomáticos” *Resterscheinungen*, ou manifestações residuais, empregada por Freud em “Análise terminável e interminável” (cf. Miller, J. A. “*Semblants et sinthomes*”, apresentação do tema do VII Congresso da AMP, *Revue La Cause freudienne* n° 69, Paris, Navarin, 2008, p. 131.

16 Lacan, J. “Le malentendu”, lição de 10 de junho de 1980 do seminário “Dissolução”, Ornicar? N° 22/23 publicado em *Opção lacaniana*, n. 72, São Paulo, EBP, 2016, p. 9.

17 Cf. por exemplo o relato de Fuentes, A. “O resíduo de uma análise”, *Opção Lacaniana*, n. 63. São Paulo, 2012, pp. 21-26 e “Um corpo, duas escrituras”, *Opção Lacaniana*, n. 61, 2011, pp. 143-154.

18 Cf. por exemplo em “Joyce, o sintoma”, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003, p. 566.

19 Sigo o modo como Lacan registra a presença da urgência e sua relação com ela, estando à altura e não negando ou ignorando, na conclusão de seu prefácio à edição inglesa dos *Escritos*: “Assinalo que, como sempre, os casos de urgência me atrapalharam enquanto eu escrevia isto. Mas escrevo, na medida em que creio dever fazê-lo, para ficar a par desses casos, fazer com eles par” (Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 569).



DESCRIÇÃO:

Autor(Heloisa Caldas

Vinicius Darriba [org.]

Coedição PGPSA/Uerj

ISBN 978-85-7740-281-6

2019, 1ª edição, 186 p., 16 x 23 cm

Sumário

Apresentação	9
HELOISA CALDAS VINICIUS DARRIBA	
Transitoriedade [<i>Vergänglichkeit</i>]	15
SIGMUND FREUD	
I. O INCONSCIENTE DE FREUD COM LACAN	
O inconsciente freudiano e o cristal estilhaçado: lógica, estrutura e cole(tiva)ção dos fragmentos	23
LUCIANO ELIA	
O acontecimento do inconsciente	31
MARCUS ANDRÉ VIEIRA	
O inconsciente topológico	41
SONIA ALBERTI	
Experiência e conceito: o inconsciente e o acontecimento Freud	47
VINICIUS DARRIBA	